
O que diz a "Voz de Deus"? - Especificidades do documentário religioso

Luiz Vadico

Universidade Anhembi-Morumbi de São Paulo

vadico@gmail.com

Resumo: Neste artigo examino o documentário religioso e as suas especificidades. Utilizo como modelo de análise, os vídeos *Jesus e Sua Época* (1995) e *Quem Foi Jesus?* (1996). Quanto à sua estrutura e forma faço uma vinculação desta produção com a do Movimento Documentarista Britânico, verificando como as instituições religiosas ou as suas representantes se apropriaram deste formato e o adaptaram para seus fins apologéticos e teológicos. Além disso, utilizando dados de levantamento realizado em videolocadoras sobre os diversos tipos de vídeos religiosos existentes no mercado e à disposição do público, comento e categorizo estas produções.

Palavras-chave: Documentário; Religião; Teologia; Grierson; vídeo; Jesus Cristo.

Resumen: En este artículo examino el documental religioso y sus especificidades. Utilizo como modelo de análisis las películas *Jesus e Sua Época* (1995) y *Quem Foi Jesus?* (1996). Sobre su estructura y forma hago una conexión entre esta producción y la de lo Movimiento Documental Británico, comprobando cómo las instituciones religiosas o sus representantes se apropiaron de este formato y lo adoptaron a sus fines apologéticos y teológicos. Por otra parte, usando los datos de un escrutinio llevado a cabo en videoclubes sobre los diversos tipos de videos religiosos existentes en el mercado y a disposición del público, comento y clasifico estas producciones.

Palabras clave: Documental; Religión; Teología; Grierson; vídeo; Jesucristo.

Abstract: In this article I examine religious documentary. I will analyze *Jesus e Sua Época* (1995), and *Quem Foi Jesus?* (1996).

About their structure and form I make a connection between this production and the one made by British Documentary Film Movement, investigating how religious institutions or its representatives appropriated this format, and adopted it to their apologetic and theological ends. Moreover, using data of a survey carried out on Video Stores on the different types of religious videos in the market and available to the public, I comment and categorize these productions.

Keywords: Documentary; Religion; Theology; Grierson; video; Jesus Christ.

Résumé: En cet article j'examine le documentaire religieux. J'analyserai *Jesus e Sua Época* (1995), et *Quem Foi Jesus?* (1996), au sujet de leur structure et forme j'établis un rapport entre cette production et celle fait par le Mouvement Documentaire Britannique, vérifiant comme les établissements religieux ou ses représentants se sont appropriés de ce format, et l'a adopté à leurs buts apologique et théologiques. D'ailleurs, en utilisant des données d'une enquête sur les magasins de vidéo au sujet des différents types de vidéos religieux sur le marché et à la disposition du public, je commente et classe ces productions.

Mots-clés: Documentaire; Religion; Théologie; Grierson; vidéo; Jésus le Christ.

Introdução

A Especificidade do Documentário Religioso

Quando se deseja pensar no documentário religioso há quase uma tentação de classificá-lo pura e simplesmente no “gênero documentário” e desta forma fazê-lo participar de toda discussão inerente ao gênero. Dizer também que o documentário religioso obedece uma especificidade toda própria, também não chega a ser verdade.

Este tipo de produção participa de modo indireto dos avanços na discussão do gênero, mas apenas como seu beneficiário. Em outras palavras: a religião não inventou o livro, mas quantos livros ela escreveu. Da mesma forma o documentário, ele é tão somente um instrumento de “propaganda” e neste caso o que aqui estou chamando de propa-

ganda é o quesito específico dos documentários religiosos em geral: a Teologia.

De acordo com Clive Marsh¹, professor de Teologia e Cultura Religiosa da University College of Ripon and York St John, na Inglaterra, Teologia (Deus-Fala) é simplesmente o falar sobre Deus. Ele a distingue de duas formas: a "fala sobre Deus" e a "Fala de Deus". A "fala sobre Deus" é simplesmente tudo o que se tem dito sobre o assunto. Basta escrever, pensar sobre Deus e, pronto, se está fazendo Teologia. Na outra ponta está a "fala de Deus" que são as infundáveis interpretações dos textos religiosos, sejam eles a Bíblia, a Torá, ou o Al Corão; e que tratam exclusivamente de direcionar a vida dos fiéis no sentido geral de suas religiões. Esta última trata em deixar claro o que "Deus está dizendo" para os homens.

Se se deseja analisar um documentário religioso não se pode perder de vista a Teologia envolvida em sua produção. Isto por que ela define tudo, desde o assunto que será tratado, a forma como será filmado, que atores e atrizes, até o acabamento final do produto.

Marc Ferro, em seu livro *Cinema e História*, quando analisa a interação entre cinema e sociedade, no quesito "cinema enquanto agente da História", diz: " (...) desde que os dirigentes de uma sociedade compreenderam a função que o cinema poderia desempenhar, tentaram apropriar-se dele e pô-lo a seu serviço: em relação a isso as diferenças se situam ao nível das ideologias, pois tanto no Ocidente como no Leste, os dirigentes tiveram a mesma atitude".²

A Teologia nada mais é do que a ideologia das instituições religiosas. Todas têm um claro intuito político - naquilo que o político tem de estratégico- quando elaboram seus vídeos, musicais, chaveiros, etc. A religião vive para a propaganda da Fé. Logo, as bases de como se articula essa fé só podem ser as mesmas bases de seus produtos.

Cada religião possui sua própria "fala sobre Deus" e sua própria "Fala de Deus", no que nos concerne neste trabalho lidarei apenas com duas vertentes teológicas: a católica e a protestante. Ambas produzem e distribuem vídeos.

¹ Clive Marsh, "Film and Theologies of Culture" in Clive Marsh & Gaye Ortiz, *Explorations in Theology and Film - Movies and Meaning*,. Massachusetts: Blackwell Publishers Inc., 1997. 2^a ed., p. 22.

² Marc Ferro, *Cinema e História*, S. Paulo: Paz e Terra, 1992. p. 14.

Tendo em vista a capacidade produtiva dessas instituições, considerarei como sendo documentário religioso todo aquele feito às expensas de uma instituição religiosa ou orientado para e por fins religiosos. Isto dá, sem dúvida, margem para uma variedade quase infinita de possibilidades. Se este fosse o único quesito fatalmente este trabalho esbarraria em mais de uma impossibilidade. Uma delas seria a ausência de bibliografia e a outra um volume bastante considerável desta produção.

Por isso, necessitei trabalhar diretamente com os vídeos disponíveis no mercado, para conhecer um pouco melhor do que é ofertado nesta área. Em levantamento realizado nas livrarias especializadas e nas vídeo-locadoras de Campinas, pude observar a existência de gêneros diversos dentro do que poderíamos chamar de documentário religioso. Em sua maioria tratam-se de vídeos focalizando personalidades dentro das esferas católica e protestante, aliados a acontecimentos institucionais, como: encontros religiosos e congressos.

Outros ainda, rendem-se ao *Music Hall* das igrejas e trazem estampadas a face de cantores e cantoras de uma e de outra confissão; uns, novos no cenário musical como o Pe. Marcelo, e outros bem antigos, como o Pe. Zezinho, desde a década de 70. São, no entanto, as diversas confissões evangélicas que têm conseguido dominar o mercado de vídeos musicais; isto não só tendo em vista a sua maior oferta, como também a sua maior diversidade no que diz respeito aos gêneros musicais praticados.

A produção de vídeos religiosos não fica apenas restrita aos documentários propriamente ditos. Há nas vídeo-locadoras uma área, pequena é verdade, onde se pode ter uma idéia desta diversidade da produção e, ao mesmo tempo, uma pálida idéia da procura que este tipo de vídeo tem. Nestas sessões encontram-se normalmente grandes e pequenas produções, onde misturam-se desde filmes hollywoodianos, filmes B, e produções feitas para a televisão, oriundas todas de diversos países. Verifica-se então: vida de santos, filmes bíblicos, filmes épicos com temas religiosos e filmes de Cristo.

O grosso da produção de vídeo-documentários encontrada é recente, datam em sua maioria da década de 90, mas pode-se retroceder os seus inícios ao final da década de 70. Sendo assim, permito-me dizer que as instituições religiosas se beneficiaram da invenção do vídeo-cassete.

Tendo em vista meu interesse pessoal pela construção da imagem de Jesus Cristo no Cinema, neste trabalho me fixarei apenas nos vídeo-documentários que tratam da vida e mensagem de Jesus Cristo.

Documentários sobre Jesus Cristo

Os documentários que tratam, de forma direta ou indireta, da imagem de Jesus Cristo podem ser divididos em duas vertentes:

- Mensagem e Vida de Jesus
- Mensagem de Jesus

Os vídeos que se preocupam mais com a mensagem de Jesus são os que mais fazem Teologia, ao menos, a Teologia óbvia e pragmática. Isto por que trazem sempre a “palavra abalizada”³ de alguém importante de alguma religião interpretando os textos bíblicos e/ou evangélicos. Esta categoria existe tanto para católicos quanto para protestantes. Ela não será analisada, no momento, por ter uma forte característica apologética, e mais do que isso, destina-se a um público muito específico, como: agentes de pastoral, pastores e cursos realizados em igrejas evangélicas. Lembrem, em grande medida, vídeos de treinamento de trabalho, o que escapa de meu propósito.

Tendo em vista uma melhor percepção de como a imagem de Jesus Cristo é pensada nos vídeo-documentários, tratarei, mais especificamente, dos vídeos que fundem em si a mensagem e a vida de Jesus Cristo. Para tanto não se pode perder de vista o catolicismo e o protestantismo, pois elas influem diretamente na forma como a imagem de Jesus Cristo será tratada.

Desde a Reforma Religiosa, iniciada por Martinho Lutero no século XVI, os protestantes lutaram para que a Bíblia chegasse às mãos das pessoas comuns e que fosse lida e interpretada por elas mesmas. A

³ Ao colocar entre aspas *palavra abalizada* não visio ironizar, mas chamar atenção para o fato de que muitas vezes a “palavra abalizada” de alguém não se trata tão somente de fazer referência à autoridade do conhecimento de alguém, mas muitas vezes à autoridade política e religiosa, situação esta que se traduz em estratégia religiosa e de marketing.

Igreja Católica advogava e advoga até hoje seu direito exclusivo (enquanto instituição) de interpretação das Sagradas Escrituras. Não obstante as concessões que já fez neste quesito, ainda assim a Igreja mantém para seus fiéis a que é chamada Bíblia Pastoral, que é também usada em seus cultos.

A diferença entre as duas Teologias pode ser percebida em questões religiosas específicas, como, por exemplo, em vídeos e filmes, cuja origem seja protestante, não encontraremos (ou encontraremos de forma muito sutil) alusões a qualquer crença católica: o culto à Maria, o primado de Pedro sobre os outros apóstolos, ou uma “face” fixa de quem tenha sido Jesus.

Recentemente foi noticiado na televisão e foi estampado em algumas revistas a possível “verdadeira face de Jesus Cristo” reconstituída a partir de um judeu que vivia em Jerusalém no século I.

Por uma feliz coincidência, quem encomendou essa reconstituição foi a famosa BBC de Londres, que pretende utilizá-la num documentário sobre a vida de Jesus. A repercussão não deve ter existido tão somente no Brasil e chama atenção como em países não muito preocupados com a adoração de imagens (protestantes) essa busca por uma “imagem verdadeira” de Jesus Cristo seja recorrente.

Acredito que o escritor franco-polonês, Ernesto Renan tem muito a ver com isso. A sua *Vida de Jesus Cristo*, publicada na segunda metade do século XIX, revolucionou a forma de se olhar para Jesus Cristo. Se uma boa parte da imagem visual de Jesus Cristo, que conhecemos hoje, quer nas igrejas, quer nos cinemas, foi elaborada no período do Renascimento cultural europeu, a imagem mental que muitos temos de Jesus Cristo como sendo mais homem que Deus, deve-se a Renan.

Jesus Cristo ficou mais humano em seu trabalho, pois este escritor dispensou os milagres e deu preferência para a mensagem do “homem histórico”. Desde o grande sucesso desta obra, Jesus Cristo vem se humanizando cada vez mais, o que acabou nos levando a viver num momento no qual nunca se desejou tanto saber como era a face deste homem quanto agora.

A face do Deus Jesus Cristo, despertava também grande interesse desde o século V, e causou polêmicas seríssimas como a Iconoclastia⁴,

⁴ **Iconoclasmo:** tirado da palavra grega para o ato de quebrar imagens, este vocábulo refere-se a uma controvérsia que ocorreu em duas etapas e subverteu a Igreja

naquele mesmo século. E o problema, na Igreja, acabou se resolvendo pela percepção Teológica de que representar a imagem de Jesus Cristo não é o mesmo que representar Deus, pois representa-se a face humana de Deus. E que esta face é útil uma vez que permite ao homem encontrar-se a si mesmo ali representado e logo, ser co-partícipe do divino.

A face de Jesus Cristo, muito mais do que uma questão religiosa é uma questão cultural e social. Seu rosto e seu símbolo, a cruz, já foram usados como emblemas das mais diversas reivindicações, desde a Cruz de Fogo da pureza racial, da Ku-Klux-Klan americana, até pela Teologia da Libertação Latinoamericana, fazendo surgir sob a sua influência Jesuses negros, latinos, orientais, etc., com reivindicações sociais e claramente socialistas.

O Jesus Histórico

No entanto, a busca hoje não é tão somente por um Cristo que represente os interesses do homem social no mundo. A busca que ocorre é pelo Jesus Histórico, o Jesus verdadeiro, longe das instituições criadas a partir dele. Esta busca é capitaneada, preferencialmente, pelos protestantes, e também por judeus. Estes últimos sofreram perseguições religiosas durante séculos por serem considerados os causadores da morte de Jesus. Hoje fazem investimento acadêmico para deixar claro que Jesus era judeu, e não apenas judeu mas, também, um Rabino que

Oriental por mais de um século. Em 726, o imperador Leão III proibiu o uso de imagens e ordenou que fossem destruídas. No início da década de 780, a imperatriz Irene anulou essa norma e o II Concílio de Nicéia (787) determinou que as imagens eram dignas de veneração e ordenou sua reposição. Em 814 o iconoclasmo manifestou-se outra vez sob o imperador Leão V, mas o movimento cessou definitivamente em 843, sob a regência de Teodora. As origens precisas do iconoclasmo são um tanto obscuras, mas a luta que provocou despertou fortes paixões. A justificação teológica para o iconoclasmo afirmava, em essência, que as imagens eram ídolos e qualquer representação de Cristo em particular separava sua humanidade de sua divindade. Por outro lado, a justificação teológica fundamental para a veneração de imagens que foi bem expressa, por exemplo, na Primeira Apologia contra os que atacam as imagens divinas, de São João Damasceno, era que a encarnação dignificou toda a matéria - incluindo as imagens - e as imagens mereciam representar o que é sagrado e até o que é divino. Essa nota sobre Iconoclasmo é baseada em texto de Thomas Kala. *Meditações Sobre os Ícones*, São Paulo: Ed. Paulus, 1ª Ed., 1995.

fazia parte do início da constituição do moderno judaísmo, ao lado de figuras como Hillel e Shammai.

O Protestantismo tem se destacado nesta busca, possivelmente por uma questão histórica e teológica. No início do movimento protestante, a Igreja Católica detinha o poder sobre a interpretação das sagradas Escrituras, que mantinham-se em latim, não somente a interpretação, não existiam traduções para os idiomas vulgares. Martinho Lutero foi o primeiro a verter a Bíblia para uma língua moderna, o alemão. Os primeiros protestantes acreditavam que todo e qualquer homem deve ter contato com a “palavra de Deus” e que a Bíblia, por ser essa palavra escrita deveria ser lida e interpretada por todos. A questão de como os homens a iriam interpretar era resolvida pela intervenção do “Espírito Santo”, a terceira pessoa da Santíssima Trindade, que inspiraria o devoto a ler da maneira como Deus gostaria que fosse lido.

Essa fundamentação no texto escrito fez que, com o passar do tempo, houvesse uma busca cada vez mais refinada por boas traduções. Afinal, não se deveria perder, de forma alguma, o real significado de cada uma das palavras de Deus. Juntou-se a isso uma maior preocupação com a história santa e até mesmo com a geografia da Terra Santa (Israel).

Não obstante todos esses interessados, quando se trata da vida de Jesus as fontes para a elaboração dos roteiros são ainda os quatro evangelhos canônicos, epístolas de São Paulo, textos apócrifos da antiguidade (com teores diversos) e obras de ficção (por sua vez baseadas nas três primeiras fontes). Mateus, Marcos, Lucas e João são os textos que constituem os evangelhos canônicos.

Os três primeiros são chamados de sinópticos, uma vez que confrontados uns com os outros, guardam semelhanças bastante grandes entre si. O Evangelho de João, por sua vez é o de caráter mais helenizado, possuindo uma Teologia própria mais desenvolvida e refinada.

Nenhum destes textos foi contemporâneo de Jesus Cristo que morreu por volta do ano 30. Marcos, o mais antigo, foi escrito em torno do ano 70 D.C., e João, o último dos quatro, é datado do fim da década de 90 D.C. As epístolas de São Paulo, são mais antigas que os evangelhos, no entanto, não possuem dados significativos sobre Jesus, pois São Paulo não o conheceu. Os Apócrifos, escritos antigos sobre Jesus Cristo não reconhecidos pela igreja, também são fonte para os roteiros.

A diferença entre o tempo da morte de Jesus Cristo e o momento onde começaram a ser escritos e sistematizados os evangelhos é explicado pela **cultura oral** corrente na antiguidade. Só se preocupou com a escrita quando o judaísmo (do qual o cristianismo fazia parte como seita) sofreu um grande abalo com o início da diáspora judaica em 70 D.C., devido à destruição de Jerusalém e seu templo pelos romanos. Escrever o que os companheiros de Jesus Cristo recordavam sobre ele, ou o que outros haviam *ouvido dizer* foi a forma mais eficaz de se salvar aquele conhecimento de desaparecer⁵.

Este conhecimento, no entanto, não significa historicidade. Infelizmente para todos, pastores, padres, rabinos e historiadores, não há provas materiais da existência de Jesus Cristo, não há documentos contemporâneos seus que comprovem sua existência. Os historiadores romanos do século I e II, como Tácito, Suetônio, Flávio Josefo (judeu)⁶ e Plínio, o Moço, falam de cristãos, mas nenhum sabe dar qualquer informação válida à respeito de Jesus Cristo. Mesmo com relação a aparência dele não há nenhuma palavra nos textos sagrados.

Toda essa digressão serve para que eu possa falar com mais propriedade à respeito do vídeo *Jesus e Sua Época* feito e distribuído pela Reader's Digest, famosa, no Brasil e no mundo, pelas suas seleções literárias. Este documentário preocupa-se exatamente com a questão da historicidade de Jesus.

⁵ Os primeiros textos datam do início das perseguições a judeus e cristãos. Na década de 50 D.C. o imperador romano Cláudio já havia decretado uma expulsão dos judeus de Roma, e com eles os cristãos. Posteriormente em 64 D.C. o imperador Nero foi responsável por uma das maiores perseguições ao cristianismo. Diante da perseguição e da morte de muitos líderes, naturalmente os cristãos buscaram preservar a tradição oral escrevendo-a.

⁶ Apenas em Flávio Josefo há uma citação a seu respeito, mas já foi discutida e analisada por diversos estudiosos e atualmente nem a Igreja Católica cita-a sem questionar sua validade. O parágrafo que fala de Jesus foi, muito possivelmente, acrescentado por um copista medieval. O estilo, a estrutura e "o respeito" pela pessoa de Jesus desse trecho não poderiam ter sido da lavra de Josefo.

Documentários Encontrados

No levantamento realizado em busca de vídeo-documentários que tratassem da vida e mensagem de Jesus Cristo encontrei seis produções:

1. *Jesus e Sua Época* - Produção Americana: Reader's Digest, 1995. Duração aprox. 3 horas

2. *Quem foi Jesus?* - Título original: *The Life and Times of Jesus*. Produção canadense: Ciné-Mundo Inc. Production, associada com a U.S. News & World Report, 1996. Duração: aprox. 55 min.

3. *A Vida de Cristo* - Vol. I de 4 vols. Série: *Descobrimo o Novo Testamento*. Aborda: O nascimento de João Batista, O nascimento de Jesus, O Ministério de João Batista. Duração: 60 min. a série toda tem 4 horas.

4. *A Vida de Jesus Cristo - O Nascimento de Cristo* - Vol. I - de quatro. Produção americana: Glory Vídeo duração- 53 min⁷.

5. *O Cristo Vivo* - Série - vol. 5 *Eu Vi a sua Glória*

6. *Os Mistérios do Rosário* Série - 4 vol. duração total 4 horas.

Destes seis pretensos documentários apenas os de número cinco e seis são de origem católica. Digo “pretensos” porque documentários propriamente ditos são apenas os dois primeiros. Os últimos quatro são locados como se fossem documentários. São, no entanto, filmes de produções baratas da vida de Cristo.

As produtoras de vídeo fazem “séries”, nestas dividem um filme em três, quatro, cinco partes, cada uma em uma fita diferente. Se uma pessoa quiser ver a vida de Cristo terá que locar várias fitas. São ofertados como “soberbas reconstituições histórico”, “o mais fiel retrato da vida de Jesus Cristo e sua época”, etc. Assim, a sua única utilidade neste trabalho é novamente, não pelo seu conteúdo, mas por sua pro-

⁷ Essas produções carecem, além de qualidade estética ou qualquer coisa que as valham, de informações à respeito da produção.

paganda demonstrar como há interesse em se vender uma historicidade de Jesus Cristo. A questão Teológica também é citada nestes vídeos, principalmente em *Os Mistérios do Rosário*, ele é anunciado como o mais correto dentro dos cânones católicos e foi produzido por um bispo católico americano, Pe. Patrick Peyton; então, o fato do vídeo ser "abalizado" de procedência "correta", também é importante para se atingir um determinado público alvo.

Estes últimos quatro vídeos são em termos de publicação ou lançamento, relativamente recentes. Mas, sem exceção, todos são produções B anteriores à década de 50; a produção da Glory Vídeo realmente supera qualquer tentativa de crítica. Foi feita com pedaços de filmes B anteriores a década de trinta, colorizados e mal editados. Chega até a ser curioso seu completo desconhecimento da montagem paralela. Descartarei estes trabalhos da análise pois tratam-se, quando muito, de exploração da boa fé alheia; sem prejuízo das religiões que representam e sim em detrimento das produtoras de vídeo que avançam sobre um segmento de mercado sem muitos escrúpulos.

Ao descartar os vídeos citados este trabalho ficará falho uma vez que não possuirei nenhum exemplar de vídeo-documentário católico para análise; seria, no entanto, um contra-senso se eu comparasse uma produção da década de quarenta com as novíssimas produções protestantes da década de 90.

Características gerais

Os documentários religiosos trazem em sua maioria uma veia didática e teológica bastante acentuada e todos servem a alguma instituição específica, seja ela uma igreja ou uma produtora contratada. Não tive notícia sobre a existência de documentários religiosos independentes. E, mesmo a assonância independente é estranha quando o assunto é religião. Digo isso por que na história do cinema, a questão da censura feita por instituições religiosas é bastante forte.

A forma assumida pelos documentários *Jesus e Sua Época* e *Quem foi Jesus* pode ser aproximada da forma estabelecida pelo chamado Movimento Documentarista Britânico, ou Escola Griersoniana. Essa Escola surgiu na Grã-Bretanha em finais da década de 20 e ao longo da década de 30, e leva o nome de seu principal expoente, John Grier-

son. Este movimento surgiu num contexto social bastante específico. Àquela altura a Grã-Bretanha ainda era o Império no qual o sol nunca se punha. Apesar deste movimento ter reivindicações sociais, ele sempre esteve ligado ao Estado, como seu principal financiador, e serviu à propaganda do governo. Os documentaristas britânicos foram responsáveis pela divulgação, tanto na Grã-Bretanha quanto nas colônias, do que se poderia chamar de Modo de Vida Britânico.

Essa estreita associação com o Estado não deve ser estranhada, pois as décadas de 20, 30 e 40 foram as do auge da propaganda estatal em vários países: Alemanha, Grã-Bretanha, Itália, Brasil, Rússia, etc. Os governos destes países entenderam desde cedo a importância do cinema e da propaganda veiculada por este. A propaganda política passou a ser uma forma importante para a manutenção destes governos, não apenas a propaganda como também a censura sobre o que seria divulgado ou não.

Os temas do Movimento Documentarista Britânico eram necessariamente sociais, haja vista seu financiador, e tinham como objetivo principal: a educação da cidadania, dar ao indivíduo a idéia do que é ser um cidadão britânico. Eles também primavam pela objetividade, e buscavam, quanto possível, criar na tela uma espacialidade o mais próxima possível da realidade; devedores, neste sentido da narrativa clássica Hollywoodiana. Neste caso uma relação inversa, pois em Hollywood este recurso era realizado para criar uma realidade ficcional perfeitamente plausível, e os ingleses utilizavam o mesmo recurso para demonstrar a *mais perfeita realidade* do que era documentado.

Como os documentários têm preocupação de educar, eles possuem uma didática exemplar. Não há surpresas nos roteiros e nem na forma como as câmeras serão utilizadas. A utilização do som, quando ele surgiu, também foi uma preocupação dos ingleses, deveria ser também utilizado de forma precisa a acompanhar, amparar o processo educativo, ou até mesmo vir também a informar o espectador.

Em socorro deste processo surgiu desde o início o recurso da narração, a chamada voz *off*. A voz do narrador é responsável por informar tudo o que ocorre ao espectador, como se ele não fosse capaz sozinho de perceber. Mas, não apenas isso, é essa voz quem dá praticamente todas as informações necessárias para educar, ela conduz o processo; diz o que deve ser visto no filme. Ela propõe o assunto, fala sobre ele

e depois conclui. Nada é deixado para ser passível de crítica para o espectador. Não é à toa que a voz *off* do narrador, que nunca aparece, é uma voz institucional e recebeu o apelido de "voz de Deus".

A Escola Griersoniana, era também devedora do documentarista Flaherty, famoso por seu *Nanook do Norte*, John Grierson nutria por ele admiração pessoal. A sua influência pode ser percebida na aceitação da encenação e a preferência por filmagens em locações externas. Os britânicos desejavam mostrar a realidade objetiva, não importava se tivessem que encená-la. Se precisassem encenar para mostrar como uma coisa era feita eles fariam uma encenação.

A influência de John Grierson chegou a vários países, principalmente no Canadá, onde este profissional chegou a trabalhar no Office National du Film ou National Film Board. A sua primeira e única produção *Drifters* lançaria as bases do movimento e possibilitaria o surgimento de documentaristas, como Basil Wright e Humphrey Jennings.

Nos documentários religiosos cinco características do Movimento Documentarista Britânico estão presentes e são bastante marcantes:

- vinculação a alguma instituição
- pretensão didática
- objetividade
- encenação
- narração institucional *off*

Penso que nem os filmes apologéticos de ficção sobre a vida de santos ou sobre pessoas de vida exemplar são tão eficientes para passar a mensagem que as instituições religiosas desejam quanto esses documentários.

O documentário, de espírito didático, presta-se muito mais ao controle e à censura. Seus elementos como um todo são muito mais facilmente controláveis, do roteiro à finalização sempre há alguma "autoridade religiosa" por perto para verificar se está tudo de acordo com as suas necessidades.

Se nos filmes de ficção os aspectos teológicos necessitam ser sutis e elaborados, nos documentários a Teologia não precisa ser ao menos

disfarçada. Sua intenção é pregar, e pregar o que seria o caminho verdadeiro. Neste quesito em vários vídeos, mesmo que outras religiões não sejam citadas, elas são rebatidas quer seja na argumentação, quer seja na imagem, quer seja nas escolhas que perpassam o documentário.

A influência teológica inicia-se antes da produção, passa por todas as etapas do processo, e termina com a distribuição pelas livrarias especializadas e autorizadas.

O Documentário *Jesus e Sua Época* (1996)

A Produção, como já havia dito antes é da Reader's Digest Association Inc., possui algumas inserções de imagens de um filme, também produzido para vídeo da The Genesis Project inc., encontrada no mercado americano sob o título *The New Bible Vídeo*. Faz parte desta produção o filme chamado *O Evangelho de Lucas*, de 1979. A característica interessante deste *O Evangelho de Lucas* é seu desejo de ser completamente fiel à história. Os personagens falam - o que parece ser - hebraico ou aramaico. Existe uma versão circulando no Brasil sob este mesmo título que, infelizmente, preferiu dublar em bom português o esforço linguístico daquela instituição.

Este documentário é dividido em três partes, e três fitas, de 55 minutos cada:

- *Jesus, A História Começa*
- *Jesus, No Meio do Povo*
- *Jesus, Os Últimos Dias*

Os dois últimos vídeos têm sempre em seu começo uma breve recapitulação do anterior, o que permite vê-los separadamente sem prejuízo do conteúdo.

O vídeo mantém uma clara dívida com o Movimento Documentarista Britânico de Grierson, no que tange ao esforço de reconstituição de hábitos e sua encenação por atores e no que tange à chamada "voz de Deus", a constante presença do narrador não é dispensada nem quando "Jesus está falando em aramaico".

Jesus, A História Começa

Na Primeira parte, chamou-me atenção o início, pois, sem entrar em grandes discussões o argumento começa mostrando as várias imagens de Jesus, como ele foi representado na pintura.

Isso atende duas situações distintas: atualizar-se diante da crítica literária e da ciência; e fazer frente, de forma implícita à imagética católica. É sabido que o Protestantismo não aceita imagens, então, neste caso, faz parte demonstrar que existe uma diversidade de imagens e que não se conhece de Jesus uma imagem verdadeira.

Outra característica é a utilização de dois narradores. Um deles faz o papel oficial da narração e outro lê os trechos dos Evangelhos que são utilizados. Enquanto o primeiro faz as relações histórico, geográfica e sociais entre o passado e o presente, utilizando a geografia, a arqueologia e o judaísmo para contextualizar as citações, o outro as faz acompanhado de imagens da arte sacra tradicional.

O primeiro significa mobilidade, movimento, transitoriedade, e o segundo trata do imutável e do absoluto. Os quadros são estáticos, junto do texto que deve ser sagrado e imutável, e cuja tradução deve ser a mais fiel possível para que se garanta essa sacralidade e a certeza daquilo que foi dito ou não.

Essa relação entre o móvel e o estático já havia sido observada por mim em um filme de ficção *A Maior História de Todos os Tempos* (1965), direção de George Stevens, com Max Von Sydow no papel de Jesus, e locações no Monument Valley, o mesmo usado para memoráveis Westerns.

Nesse filme todas as cenas que são fruto da ficção do roteirista, possuem grande agilidade no corte e na movimentação dos personagens, aquelas que trazem Jesus e seus seguidores e que ilustram os textos evangélicos são de uma aterradora estaticidade. Não apenas a câmera mantém um enquadramento estático, como também os personagens mal se movimentam. Isto faz uma perfeita relação entre a transitoriedade do mundo e o absoluto do sagrado, imutável e fixo.

Neste documentário essa relação se repete, quer seja proposital ou não, parece que esse tratamento da imagem tende a se repetir.

A tentativa de emprestar historicidade a Jesus Cristo, através dos vários eventos (geografia, arqueologia, história, costumes e tradições

judaicas) fica obviamente mais difícil quando sabemos que os possíveis autores dos textos canônicos jamais estiveram na Palestina. Sendo constante os seus erros ao descreverem costumes, ou na localização de cidades, como Nazaré, que nunca existiu - apesar de existir hoje. Bem...ainda não vi um documentário que assumisse uma crítica aos textos evangélicos, suas informações não são questionadas.

Ainda assim, este documentário é de alguma forma devedor da fenomenologia, uma vez que procura desde seu início uma compreensão de como as coisas podem ter se passado. A sua didática simples é eficiente, pois para cada informação retirada do texto evangélico pelo segundo narrador, o primeiro vai ilustrando-a com as mais diversas imagens, encenadas ou não, até esgotarem-se aquelas informações ou conceitos.

Se teologicamente este vídeo poderia causar discussões com católicos mais avisados, historicamente ele é bastante correto, faz um levantamento minucioso dos costumes, dos locais, das roupas utilizadas, das técnicas agrícolas e de pesca, etc.

Esses detalhes recolhidos do mundo real, ou encenados, tendem a fazer algo especialmente difícil a partir da simples leitura dos textos evangélicos: materializar a figura de Jesus para o público contemporâneo. Um público que tende a ter cada vez mais dificuldade em acreditar naquilo que não vê. A estrutura da Primeira Parte repete-se nas subsequentes.

Jesus no Meio do Povo

Na segunda parte, será dada ênfase na mensagem pregada por Jesus. Suas parábolas serão linda e claramente encenadas, continuando a relação entre os dois narradores, anteriormente explicada. Não deixa de ser, em alguns momentos, uma encenação flagrantemente teológica.

Na conhecida parábola do Semeador, onde sementes caíam na terra fértil, nas pedras, nos espinhos e eram comidas por pássaros, a empresa que filmou exagerou um pouco, explicando que lá o terreno era muito pedregoso e as imagens mostram um homem arando com um arado antigo, segundo eles, ainda utilizado, inclusive com a lâmina de madeira, tão pedregoso que qualquer agricultor brasileiro teria tido a idéia de recolher com as mãos as pedras que estavam soltas, e retirá-las

do terreno. Mas, parece que elas foram jogadas lá para serem filmadas. Temos aqui uma encenação de uma suposta realidade.

Um outro equívoco, desta vez retirado de uma produção católica, chamada *Parábolas de Jesus*, que possui muita semelhança estética com este vídeo, comete uma falha engraçada de leitura de texto. No afã de reconstituir e ilustrar, desrespeitaram o próprio texto. Numa de suas parábolas Jesus fala de dois homens, um que construiu sua casa sobre a rocha e outro que construiu a sua sobre a areia e que vieram as chuvas e que a segunda construção caiu. O vídeo citado reconstruiu duas casas de época, uma de pedra outra de areia e fez uma tempestade derreter literalmente a casa de areia. Quando textualmente são os alicerces que não são fortes e não o material.

Neste segundo momento, há grande preocupação de se salvaguardar a mensagem de Jesus sem misturá-la com ensinamentos judeus. Os fariseus, celebres debatedores de Jesus, não são poupados e nem recolocados em seu verdadeiro papel histórico. Isto porque sem a pretensa inimizade dos fariseus e dos saduceus não haveria como explicar o julgamento e morte de Jesus, pelo menos não de acordo com os evangelhos.

A encenação de histórias e parábolas que Jesus contou é um recurso conhecido, e é justificado pela forma como ele as contava. Todo o conteúdo moral era ensinado a partir de pequenos acontecimentos do cotidiano das pessoas daquela época. Para os produtores em geral, faz sentido reconstituir algumas minúcias daquele cotidiano para que o espectador moderno tenha todo o contexto do ensinamento e que ele possa, assim, tornar-se completamente compreensível.

Encenar parábolas, que são histórias metafóricas, incorre num risco: alguém pode acreditar que os fatos encenados aconteceram realmente. É conhecida a anedota dos que visitam a Terra Santa de que lá é possível se conhecer a Taverna onde o "Bom Samaritano" hospedou o homem que ele socorreu.

Jesus, Os Últimos Dias

A Terceira parte é deixada correr de forma mais solta, pois os últimos dias de Jesus, sua Paixão e Morte, como são chamados, são bem co-

nhecidos e eles são prazerosamente cada vez mais ilustrados pelas imagens do filme *O Evangelho Segundo Lucas*.

Um último dado interessante é que este documentário não aceita nem mostra nenhum dos lugares reconhecidos pela Igreja Católica como sendo parte efetiva da vida de Jesus: A Gruta da Natividade, A Igreja do Santo Sepulcro, a Casa onde morou no Egito, etc. O único, lugar que é mostrado, na última parte é a chamada Via Crucis na atual Jerusalém, mas deixam completamente claro que ele nunca passou por ali, pois a cidade foi destruída e reconstruída várias vezes depois da época de Jesus.

O Documentário *Quem Foi Jesus?*

Quem foi Jesus? - título original: *The Life and Times of Jesus*. Produção canadense da Ciné-Mundo Inc. Production, associada com a U.S. News & World Report. Duração: aproximadamente 55 min. Ano: 1996. Direção: Stacey Folles e roteiro de Lori Nelson.

Trata-se de um Documentário sobre a vida de Jesus e a época em que ele viveu, inclusive se o título original fosse traduzido ao pé da letra para o português teríamos um homônimo do vídeo anterior.

Para reafirmar ou não alguns aspectos do documentário analisado acima incluí esta produção canadense. Sem muito esforço se poderá notar a influência do Movimento Documentarista Britânico, não é demais lembrar que John Grierson morou alguns anos no Canadá e lá também deixou marcas indelévels de sua passagem.

Este vídeo possui algumas diferenças em relação ao primeiro, mas não são tão importantes, pois não influenciaram a sua forma. É um documentário que, provavelmente, demandou menos recursos financeiros que o da Reader's Digest chegou, no entanto, a resultados bastante convincentes. Fotografia bastante cuidada, edição e pós produção bem feitas. A análise ficará restrita a este único volume da série, pois ao que tudo indica, os outros dois não estão disponíveis no Brasil. Haverá, neste sentido, uma certa desproporção em relação aos dois documentários, pois o primeiro possui os três volumes disponíveis.

A narração novamente é dividida em duas. Um narrador faz a conhecida "Voz de Deus" e o outro encarrega-se da leitura dos textos bíblicos. Armand Assante faz o primeiro narrador e o segundo é feito por Beth,

apenas Beth. Tanto quanto no vídeo anterior a narração da Segunda Voz é feita em um tom *piadoso* mais musical do que a voz do Primeiro Narrador, marcando a diferença entre a mensagem de um e outro.

Posso estabelecer aqui uma relação parecida com a que fiz entre Estaticidade e Mobilidade na representação do Sagrado e do Profano. O Primeiro Narrador, nos dois vídeos, a voz institucional, representa sempre o Profano; e o Segundo Narrador, cuja função é ler os trechos bíblicos, representa sempre o Sagrado. Tem-se novamente essa dicotomia bem marcada.

Não é demais agora lembrar o que disse Clive Marsh sobre Teologia: A Fala Sobre Deus e a Fala de Deus. De maneira consciente ou inconsciente nos dois vídeos analisados ocorre essa divisão clara. O Segundo Narrador representa A Fala de Deus, pois Deus fala através dos textos sagrados. Aqui não se trata tão somente de uma divisão, pois os narradores se complementam e se ratificam.

Ambas as narrações são ilustradas por tipos de imagens diversas. Quando se trata do Segundo Narrador e de trechos bíblicos eles são ilustrados com imagens da geografia da palestina. Só lugares, nunca pessoas. Mostram o Mar da Galiléia, o deserto da Judéia, as montanhas, mas nunca pessoas. Novamente faço aqui uma aproximação entre as imagens estáticas do primeiro vídeo e as imagens geográficas do segundo. Se no primeiro as pinturas representam o imóvel, o absoluto, no segundo pode-se pensar no mesmo sentido com relação à geografia, isto apesar da câmara panorâmica. Afinal, o que é aparentemente mais "absoluto" e imutável do que um mar, um deserto, montanhas? E, quão mais próximos estão de Deus?

Quando se trata do Primeiro Narrador as imagens podem se fundir tornando-se mais dinâmicas. Misturam imagens do filme *A Última Tentação de Cristo* (1988, EUA, dir. Martin Scorsese), com as de paisagens, mas quase sempre as falas dele terminam em quadros de arte ilustrativos do que está sendo comentado. Estes quadros, que aqui podem ser símbolo da cultura e ao mesmo tempo do sagrado, preparam a entrada dos especialistas.

O documentário todo é baseado no depoimento de especialistas. E essa é a diferença marcante entre este vídeo e o da Reader's Digest. Eles aparecem como a voz abalizada da ciência. O assunto *Jesus Histórico* é muito bem levado à cabo. Levantam-se aspectos inusitados

para um documentário que poderia ter sido de índole mais religiosa, que poderia ter apelado para a fé pura e simplesmente.

Neste quesito não pude perceber, de forma clara, referência de entidade religiosa financiadora ou produtora, deve haver, mas não há referência a reverendos, padres ou pastores ou possíveis empresas que o censurassem ou o orientassem. Digo *deve haver* pois desconheço o papel social das empresas envolvidas na produção. Apenas pelos seus nomes seu interesse neste assunto não fica claro. Ainda assim, eles se mantêm enquanto documentário religioso, pois o uso dos trechos bíblicos, e a ausência de críticas a eles garantem um “respeito religioso” na produção.

A presença de pesquisadores não religiosos e religiosos parece demonstrar um desejo de cooptação da ciência em favor da religião. O debate ciência versus religião, uma constante nos séculos XIX e XX, parece estar finalmente sendo resolvido. As religiões, de maneira geral, parecem não encarar mais a ciência como uma adversária e ela está sendo cada vez mais utilizada para comprovação de pontos de vista religiosos.

Os pesquisadores não parecem fazer apologia de religião, apenas um deles, Jeff Sheller - Jornalista do U.S. News & World Report -, parece estar mais envolvido com a fé, suas falas são parciais e contundentes. Dá-se grande ênfase ao depoimento dos pesquisadores, eles até parecem testemunhas oculares do passado. Sempre aparecem em PP, falando a um interlocutor, como se respondessem a perguntas. Se estas foram feitas não foram explicitadas, nem em sons, nem em imagens. Podemos supor que eles foram entrevistados e este material posteriormente editado.

Se as entidades produtoras não parecem ser obviamente religiosas ao menos resta-me o consolo de que a origem de vários destes pesquisadores é. Uma parte é oriunda de escolas de formação religiosa. Segue abaixo uma relação com seus nomes e a instituição a qual pertencem, por ordem de aparecimento:

Paula Fredriksen - Professora de Ancient Christianity Historian - Boston University.

Robert Funk - New Testament Scholar - Westar Institute

Don Carson - Professor de New Testament - Trinity Evangelical Divinity School.

Jeff Sheller - Jornalista - U.S. News & World Report.

Peter Richardson - Professor of Christian Origins University of Toronto.

Hershel Shanks - Editor - Biblical Archaeology Review.

Anthony Tambasco - Professor de Theology - Georgetown University.

Paul Maier - Professor of History - Western Michigan University.

O irônico neste esforço de embasar o documentário no depoimento dos pesquisadores é que o texto que prevalece de forma sutil é o do roteiro, ou melhor, o seu fio condutor. É o texto usado pelo Primeiro Narrador, a voz institucional. O roteirista é Um(a) tal de Lori Nelson, cujas referências no vídeo são uma e nenhuma. Não consigo saber ao menos se é homem ou mulher, uma vez que Lori me parece sem gênero. Nada é dito sobre ele nos créditos ou na sinopse.

O vídeo preocupa-se não somente com a historicidade de Jesus, mas, também, com a personalidade do homem Jesus. Apesar destas preocupações, em nenhum momento há qualquer referência à Maria, mãe de Jesus, ou ao apóstolo Pedro, ou qualquer um dos outros discípulos, isso nos permite uma vinculação mais clara com o protestantismo. Também não ocorrem encenações de época e nem de ensinamentos de Jesus. Tudo é ilustrado com um filme ou com quadros de arte sacra, além da paisagem da palestina.

O filme utilizado é *A Última Tentação de Cristo* (1988, EUA, dir. Martin Scorsese), o que me causou alguma estranheza, pois a diferença entre este e *O Evangelho Segundo Lucas* utilizado no vídeo anterior é gritante. Apesar da boa tentativa de reconstituição de época de Scorsese ele baseou seu roteiro no livro de Kasantzakis e não nos textos bíblicos tradicionais. Bem verdade que neste vídeo as imagens do filme têm um peso menor do que no outro, uma vez que a voz do Primeiro Narrador se ouve o tempo todo. Só posso concluir que a escolha do filme se deve ao fato dele ser relativamente recente e tentar passar uma visão dita "moderna" a seu respeito.

Conclusão: Arrematando as Ideias

Ao final deste percurso o arremate das idéias parece algo bastante necessário. Mesmo tendo enfrentado dificuldades com a bibliografia e com

a disponibilidade de documentários algumas conclusões mais gerais podem ser tiradas no tocante à estruturação destes documentários.

No que tange propriamente à discussão sobre o documentarismo em geral, parece-me que os documentários religiosos não guardam tanta preocupação com uma teoria ou uma prática mais precisas. Não há uma discussão do tipo Cinema Verdade, Câmera direta, etc.

A única aproximação com o documentarismo pôde ser percebida relativamente ao Movimento Documentarista Britânico. Isso, no entanto, é necessariamente uma relação bastante forçada, uma vez que a Escola Griersoniana influenciou a maior parte dos vídeos produzidos para a TV e que possuem uma finalidade didático-pedagógica. Percebeu-se, mesmo assim, que as proximidades estruturais entre essa Escola e os dois documentários analisados é bastante plausível.

Alguns dados não podem ser desprezados. O documentário religioso tem uma especificidade própria: a Teologia. Essa especificidade não pode ser tratada tão somente como uma espécie de "ideologia", pois o documentário é feito pela Teologia e por causa dela.

Dentro deste quesito foi gratificante observar a repetição, nos dois vídeos, da utilização de dois narradores. O Primeiro Narrador, sempre a voz institucional - conhecida por "Voz de Deus", e o Segundo Narrador a voz que trata da "Fala de Deus" ou dos textos bíblicos. Não se trata de colocar aqui as duas narrações no mesmo nível. A relação entre elas é hierarquizada e o texto do Primeiro Narrador se sobrepõe ao do Segundo. Não deixa de ser interessante, entretanto, a relação que se pode perceber entre Sagrado e Profano.

Vinculadas à essa relação surgiu a questão da Mobilidade e Estaticidade das imagens, ou seja, o tipo de imagens que ilustravam as narrações. Pude perceber, então, que os textos sagrados são acompanhados por imagens "estáticas" quer sejam pinturas ou paisagens geográficas, enquanto o texto do roteiro é ilustrado por imagens de mobilidade. Mobilidade essa, que é característica das coisas que são relativas e...passageiras, própria da oposição entre o profano e o Sagrado.

No que toca ao assunto escolhido, Jesus Cristo, a imagem resultante é a da historicidade dele. Estes documentários foram elaborados tendo em vista a existência de uma discussão acadêmica - e que já extrapolou a academia - sobre a historicidade ou não de Jesus.

Nestes vídeos essa historicidade não é discutida, mas construída. Essa construção da historicidade se dá no primeiro vídeo *Jesus e Sua Época* de forma indireta através da reconstituição arqueológica e da encenação de aspectos do cotidiano do século I d.C.. No segundo vídeo a historicidade é "afirmada" pelo uso do depoimento de pesquisadores reconhecidos da área. Importante que se perceba que não é o fato dos pesquisadores afirmarem alguma coisa sobre Jesus, e sim, o fato deles estarem presentes no vídeo de alguma forma abalizando o processo narrativo da "Voz de Deus", que afirma a historicidade dele.

Estes documentários surgem como um interessante recurso das instituições religiosas, pois eles tendem a atingir preferencialmente um público de classe média ou média alta e que têm acesso ao debate acadêmico ou alguma informação dele. Neste caso, o aspecto pedagógico didático vem dar informações, e sonegar outras, alinhavando-as de forma a satisfazer o seus ouvintes no quesito fé versus racionalidade científica. Ambos os documentários não deixam perguntas sem respostas e nem abertura para que se conclua de forma diversa daquela planejada pelo roteiro.

Enfim, são documentários eficientes no que se propõe. Infelizmente não pude encontrar um vídeo-documentário orientado pela Teologia Católica para poder fazer uma contraposição mais esclarecedora. E resta a pergunta, como se organizaria um documentário católico sobre o mesmo tema?

Para a pergunta título deste trabalho já há alguma resposta.

"O que diz a Voz de Deus?"

Nos casos estudados são duas vozes. Uma faz as perguntas, organiza, dá as respostas, a outra, sacraliza.

Referências bibliográficas

CARPENTER, Hunmphrey, *Jesus*, Lisboa: Publicações D. Quixote, 1982.

CHARLESWORTH, James H., *Jesus Dentro do Judaísmo: Novas Revelações a Partir de Estimulantes Descobertas Arqueológicas*, Rio de Janeiro: Imago Ed., 1992.

COHN, Haim, *O Julgamento e a Morte de Jesus*, Rio de Janeiro, Imago Ed., 1994.

- CROSSAN, John D, *Quem Matou Jesus?* Rio de Janeiro: Imago Ed., 1995.
- DONINI, Ambrogio, *História do Cristianismo* (Das Origens a Justiniano), Lisboa: Edições 70, s.d.e..
- DUNAN, Françoise; SPIESER, Jean-Michel & WIRTH, Jean, *L'Image et la Production du Sacré*, Paris: Meridiens Klincksieck, 1991.
- ELIADE, Mircea, *O Sagrado e o Profano: A Essência das Religiões*, São Paulo: Ed. Martins Fontes, 1992.
- FERRO, Marc, *Cinema e História*, S. Paulo: Paz e Terra, 1992.
- HAMAN, Adalberto-G, *Para Ler os Padres da Igreja*, S. Paulo: Ed. Paulus, 1995.
- HASSNAIN, Fida, *Jesus, A Verdade e a Vida*, S. Paulo: Madras Ed., 1999.
- ISAAC, Jules, *Jesus e Israel*, S. Paulo: Ed. Perspectiva, 1986.
- KALA, Thomas, *Meditações Sobre os Ícones*, São Paulo: Ed. Paulus, 1995.
- MARSH, Clive & ORTIZ, Gaye, (Org.), *Explorations in Theology and Film*, Massachusetts: Blakwell Publishers Ltd., 1997.
- METSGER, Martin, *História de Israel*, São Leopoldo: Ed. Sinodal, 1984.